


Revista Informativa

ESPAÇO ACADÊMICO

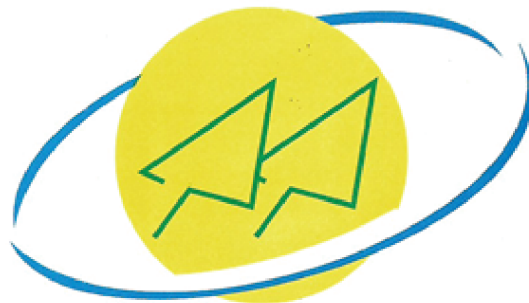
Faculdade Católica Rainha da Paz - Araputanga - MT

Ano I - Nº 3 - Julho/Outubro 2004

DA PÓLIS GREGA À
NOVA CIDADANIA

- 
- **Cooperativismo:**
A vocação empresarial do Vale do Jauru
 - **A Mulher e o Mercado de Trabalho**
 - **“Capitães de Areia”:** Um grito pela infância
 - **Entrevista: Marlene de Souza Santos**
Diretora Presidente do Sicredi Noroeste - MT
 - **FCARP - Balanço das Obras**
Conheça os investimentos realizados

COOPNOROESTE



LACBOM

NÓS FAZEMOS A DIFERENÇA!



Nove de setembro é o "**Dia Nacional do Administrador**", por ser a data de assinatura da Lei n.º 4.769, de 9 de setembro de 1965, que criou a profissão de Administrador.

O Dia do Administrador foi instituído pela Resolução CFA n.º 65/68, de 09/12/68.

O Curso de Administração da FCARP visa formar um profissional com capacidade de promover novas relações produtivas e sociais, mediante aos avanços da ciência e da tecnologia, para atender e superar as expectativas, de forma consciente da sua responsabilidade ética e de justiça social.



Dia do Contador (22/09/2004).

O profissional de Contabilidade é responsável por desenvolver a arquitetura de sistemas de informações aos usuários internos e externos de uma empresa, realizar trabalhos de perícias, auditorias internas e externas, controladoria, planejamento tributário e consultoria. Ao estudar e gerenciar o patrimônio, as transações comerciais, os fluxos de caixa, o contador interpreta os fatos econômicos dentro de uma Empresa e, assim, pode controlar melhor suas contas.



Dia do Professor

Há um decreto histórico, de 15 de outubro de 1827, que trata da primeira Lei Geral relativa ao Ensino Elementar.

A escola de Primeiras Letras, estendida "a todos os cidadãos do império", é oficializada. Este importante decreto, publicado no dia 15 de outubro, é a referência para as comemorações do dia do professor.

O Licenciado em Língua Portuguesa e respectivas literaturas estará habilitado a exercer o ensino da língua materna e suas literaturas em escolas de primeiro e segundo graus. Poderá ainda trabalhar em atividades profissionais ligadas à sua área como serviços editoriais em empresas jornalísticas, agências

de publicidade e editoras e prestar assessorias em projetos de aproveitamento e desenvolvimento de estudos lingüístico-literários, visando a fins sócio-culturais.

"Todos têm um sentido comum de trabalho: formar pessoas, colocando tijolinhos que colaboram no desenvolvimento físico, moral e intelectual de seus alunos" (Catharina Brandi)

Parabéns a todos!

Índice

Editorial: Da Pólis Grega 0
à Nova Cidadania ——— - Pg 04

Nossa Capa ——— - Pg 04

Poema:
Sabê de Andanças ——— - Pg 05

Fique por dentro ——— - Pg 05

Cooperativismo:
A vocação empresarial do Vale do Jauru ——— - Pg 06

O Sucesso do Algodão em Mato Grosso ——— - Pg 07

Em Casa e no Trabalho:
Os novos desafios da mulher moderna ——— - Pg 08

Responsabilidade Social:
Compromisso entre Empresa e Sociedade ——— - Pg 09

Livre Concorrência e Neoliberalismo ——— - Pg 10

Cartel:
Um abuso aos direitos do consumidor ——— - Pg 11

Entrevista:
Marlene de Souza Santos
Diretora Presidente do Scredí Noroeste - MT ——— - Pg 12

A Mulher e o Mercado de Trabalho ——— - Pg 14

Fcarp - Balanço das Obras:
Uma conquista da comunidade ——— - Pg 15

Gabriela: Uma mulher além do seu tempo ——— - Pg 16

Ensaio Sobre a Cegueira ——— - Pg 17

Macabéa: A busca incessante da identidade feminina ——— - Pg 18

“Capitães de Areia”:
Um grito pela infância ——— - Pg 19

Imagens Fcarp ——— - Pg 20

O Perdão ——— - Pg 22

ARTE NOBRE

O viver em comunidade faz parte da natureza da pessoa humana. Saído do coração e das mãos de DEUS o Ser Humano reflete o próprio autor da criação; lemos no Livro Santo: “Deus criou o Homem à sua imagem;... homem e mulher. Ele o criou”. (Gen. 1,27)

O Ser supremo e infinito como nos é revelado é “AMOR”, que pulsa uma vida trinitária: assim também o ser humano, que O reflete, pulsa uma vida comunitária.

Viver juntos, viver de mãos dadas, viver para construir uma felicidade comum no tempo e na eternidade, isto é o idealismo humano.

Para conseguir isso surge a necessidade de alguém que trabalhe e que lute para coordenar a vida dos seres humanos desenvolvendo uma ação de coordenação mútua, que respeitando os valores fundamentais e inalienáveis de cada pessoa os oriente e os coordene pelo bem de cada um e pelo bem de todos: esta ação nobre é aquilo que chamamos de “POLÍTICA”, ou seja, o gerenciamento da Comunidade para o bem comum, da própria Comunidade. É esta POLÍTICA que o Concílio Vaticano II chama de “ARTE NOBRE”. É esta Política que todos nós lutamos para instalar no mundo das Famílias, das Comunidades Municipais, Estaduais, Nacionais e no mundo inteiro criando a globalização do amor e da solidariedade.

Nada de mais nobre que

dedicar sua vida para promover o bem comum.

A Política exercida com responsabilidade, honestidade é um verdadeiro exercício daquela caridade que o Livro Santo nos manda: “Amar a Deus de todo coração e ao próximo como a si mesmo” (Mt. 22, 37-39)

A realidade freqüente de uma política injusta e corrupta em todos os níveis não justifica e nem fundamenta o afastamento dos homens honestos da prática política; ao contrário, precisa que todo mundo que tem idealismo humano e cristão, participe com entusiasmo e dedicação da política. Um mundo de paz, de justiça e de amor somente constrói-se com políticos responsáveis e honestos.

O negativismo, o orgulho e a cobiça são as grandes doenças da prática política de hoje, levando nossa sociedade à confusão, à guerra e à destruição.

Cabe a cada cidadão, ainda mais se for cristão, assumir o trabalho político como “SERVIÇO” oferecido aos irmãos com dedicação de mente e de coração, com especial atenção aos mais humildes.

Lembremos as palavras de Jesus: “Eu vim para servir e não para ser servido” e mais ainda “o que fizerdes ao mais pequenino dos meus irmãos a mim o fizestes”.

Para um cristão o caminho político está traçado: trata-se agora de entrar nele com coragem.

NOSSA CAPA

Existe em cada ser humano um forte desejo de perpetuar-se, de manter-se sempre vivo e ser imortal. A imortalidade é apenas uma fantasia da raça humana, no entanto, perpetuar-se nas gerações que virão, é possível apenas àqueles que se fazem presentes nos genes e nas lembranças de uma família.

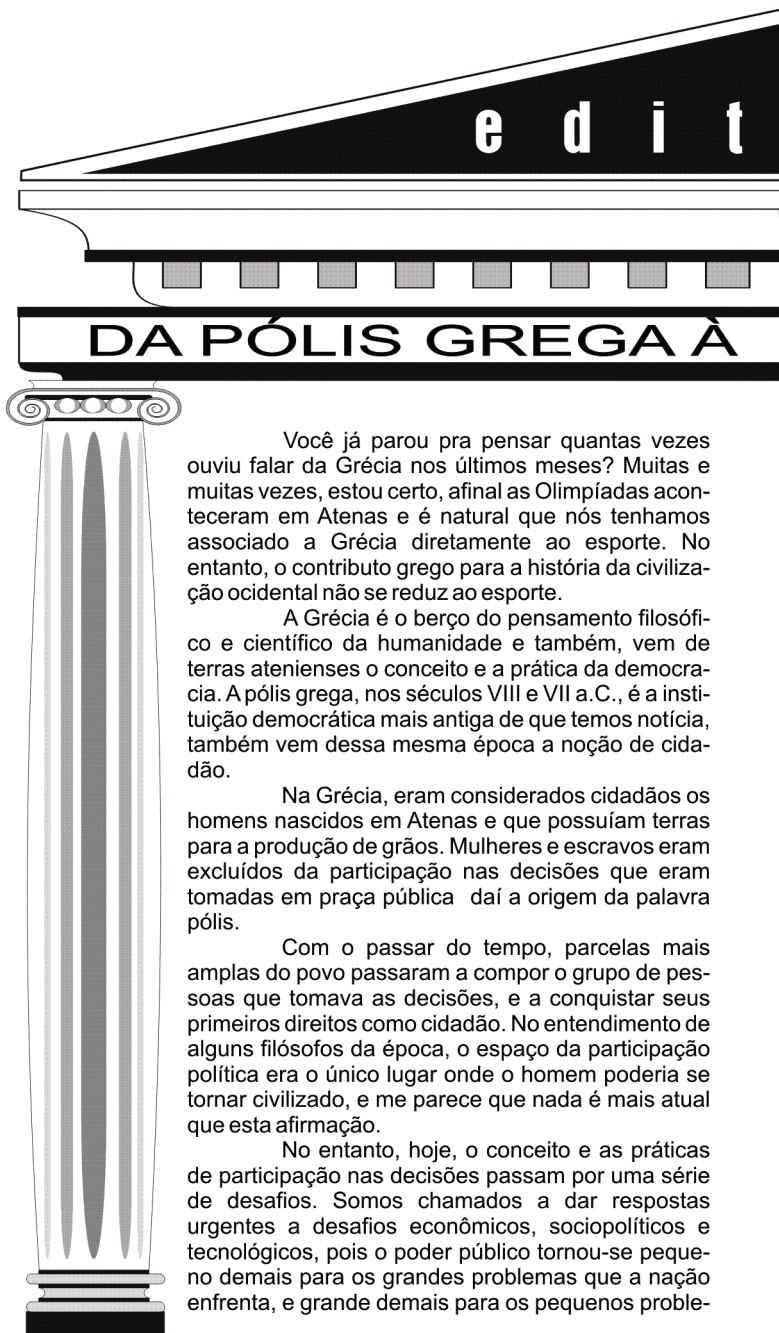
A prova material de que esses sonhos continuam sendo acalentados e de que a esperança dos homens continua movendo seus desejos de um mundo melhor é a escola, afinal, não existe um ambiente com maior concentração de vida, juventude e sonhos. No movimento inquieto dessa fração de humanidade - a juventude -, projetos germinam e lançam suas raízes no solo fértil das primeiras convicções. Algumas certezas começam a palpitar nos corações descompassados desses sujeitos que iniciam um longo processo de superação de si mesmo e de sua condição de ser e estar na existência.

A possibilidade de contar a sua história e a história de um país bem mais bonito perpassa muitas consciências, afinal, a vida acadêmica deve revitalizar o desejo de consertar o que está errado, de passar a limpo algumas situações incômodas, de dar um sabor novo a antigas receitas de bem viver. A voz e a vez da juventude ecoam pela sociedade, afinal as grandes profecias que guiaram a humanidade surgiram da boca dos mais simples e puros de coração.

Contudo, reformas e construções necessitam não apenas de desejos, mas de ferramentas eficazes que garantam os resultados esperados. Sem dúvidas, um desses instrumentos é a vivência intensa de valores humanos e de participação social. Nada traduz com maior fidelidade o desejo de acertar que a juventude tem, do que a sua participação na política, nas escolhas dos rumos de sua pátria, nas tomadas de decisões, afinal, cidadania não é apenas voto, mas participação.

Por isso, a capa da 3ª edição e os artigos veiculados querem refletir com você alguns registros do papel da universidade na vida de cada cidadão, não apenas pelos conhecimentos que ela veicula, mas pelas ações que ela pode suscitar e que aproximam os sonhos da realidade ou, ainda melhor, a realidade dos sonhos que todos temos de construir um mundo melhor.

Aos acadêmicos Francielle Fernandes da Silva (2º sem/Ciências Contábeis), Renato da Silva Moura (8º sem/Administração) e Thaisa Larranhagas Mamedes (2º sem/Letras) o agradecimento da equipe da Revista Informativa Espaço Acadêmico pela participação no registro de imagens que compõem a capa dessa edição.



Você já parou pra pensar quantas vezes ouviu falar da Grécia nos últimos meses? Muitas e muitas vezes, estou certo, afinal as Olimpíadas aconteceram em Atenas e é natural que nós tenhamos associado a Grécia diretamente ao esporte. No entanto, o contributo grego para a história da civilização ocidental não se reduz ao esporte.

A Grécia é o berço do pensamento filosófico e científico da humanidade e também, vem de terras atenienses o conceito e a prática da democracia. A pólis grega, nos séculos VIII e VII a.C., é a instituição democrática mais antiga de que temos notícia, também vem dessa mesma época a noção de cidadão.

Na Grécia, eram considerados cidadãos os homens nascidos em Atenas e que possuíam terras para a produção de grãos. Mulheres e escravos eram excluídos da participação nas decisões que eram tomadas em praça pública daí a origem da palavra pólis.

Com o passar do tempo, parcelas mais amplas do povo passaram a compor o grupo de pessoas que tomava as decisões, e a conquistar seus primeiros direitos como cidadão. No entendimento de alguns filósofos da época, o espaço da participação política era o único lugar onde o homem poderia se tornar civilizado, e me parece que nada é mais atual que esta afirmação.

No entanto, hoje, o conceito e as práticas de participação nas decisões passam por uma série de desafios. Somos chamados a dar respostas urgentes a desafios econômicos, sociopolíticos e tecnológicos, pois o poder público tornou-se pequeno demais para os grandes problemas que a nação enfrenta, e grande demais para os pequenos proble-

Expediente

Diretora
Marilza Larranhagas da Cruz

Editor
Marcelo Porrua

Revisão
Jones Ferreira Vicente

Designer Gráfico
Gabriel Moreda Neto

Conselho Editorial
Marilza Larranhagas da Cruz
Eda Lúcia Sebem Marquezini
Marcelo Porrua
José Coelho Pinto

Conselho Departamental de Administração
Jadir Neves Marques
Ávilo Roberto Magalhães
Ademar Furtado da Silva

Conselho Departamental de Ciências Contábeis
Odenildo de Sá Teles
Marisa Brito Aguiar
Gabriel Moreda Neto

Conselho Departamental de Letras
Ana Maria Di Renzo
Cleusa Bernadete Larranhagas Mamedes
Stael Ferreira de Figueiredo Ito



Sabê de Andanças...

*Foi só vê aquela gente ...prá entendê!
 Cunhecimento? ... carece não!
 Basta o sabê ...
 Sabê da vida ...Sabê do chão ...
 Sabê de andanças.
 Esse sabê que é bão!*

*Foi só vê aquela gente!
 Ali ... naquele chão pisado ...
 Batido com suô ...e aligria ...
 De quem canta todo dia ...
 Naquele lugar ...aquele lugar!*

*Foi só vê aquela gente!
 Preu descubrí ...
 Que esse negócio de Dotô ...
 Né coisa minha não ...é só emprestado ...
 Pra ingambelá a sabedoria ...
 Que eu perdi no cunhecimento!*

*Foi só vê essa gente!
 Pra mode eu intendê ...
 Que é dessa gente que eu sô ...
 Que de lá ...nunca sai de verdade!*

*Foi só vê essa gente!
 Essa gente que é minha ...
 Que eu descubri ...
 Que o bão da vida ... ta lá ...
 I é pra lá que eu vô!*

Jones F. Vicente

mas da nossa vida cotidiana. Essa realidade faz com que se abram novas formas de participação dos indivíduos.

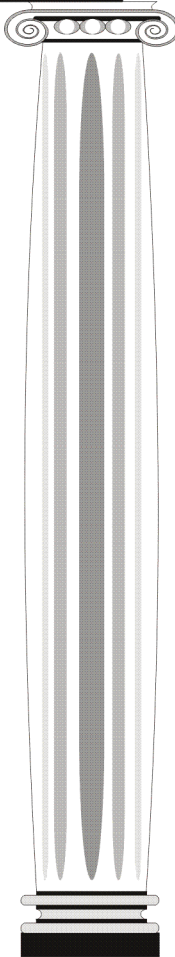
Para que o indivíduo se torne cidadão é preciso que a participação seja conquistada. Aliás, ninguém se constitui cidadão verdadeiramente se não for, aos poucos, conquistando conscientemente seus direitos de participação. E as conquistas são cada vez mais desafiadoras, como por exemplo, a conquista de não ser apenas um consumidor de informação, mas ser seu produtor.

A nova cidadania não se esgota mais no direito de voto e a outros direitos formais, mas num pacto social por solidariedade, a partir do qual se constituem comunitariamente valores, direitos e obrigações como dimensões propícias à conquista da participação efetiva na comunidade.

Ter direitos respeitados e ser cumpridor de obrigações e deveres são práticas que não estão diretamente ligadas ao assistencialismo. Receber cesta básica e remédios, por exemplo, não faz de quem recebe um cidadão, muito menos de quem pratica essa caridade; aliás, essas práticas de proteção social estão ligadas diretamente a um comportamento de exclusão dos indivíduos dos bens a que tem direito.

Sobre isso a música dos Titãs está absolutamente correta e continua sendo atual: "A gente não quer só comida". Ser cidadão é ser um conquistador contínuo de espaços de participação social, e para tanto não é preciso ser dono de terras, como os antigos cidadãos gregos, basta ser dono de uma vontade inabalável de estar junto com a comunidade, construindo novos espaços de participação social.

Marcelo Porrua
 Editor



Fique por dentro: Perfil dos candidatos a vereador na Comarca de Araputanga

01 - Número de candidatos a vereador

MUNICÍPIOS	SEXO		TOTAL
	F	M	
Araputanga	07	37	44
Indiavaí	02	18	20
Reserva do Cabaçal	04	20	24
Total da Comarca	13	75	88

02 - Escolaridade dos candidatos a vereador:

MUNICÍPIOS	Lê e Escreve	Não Informou	1º Grau Incomp.	1º Grau Comp.	Ens. Médio Completo	Ens. Médio Incomp.	Superior Incomp.	Superior Comp.
Indiavaí	06	-	07	-	04	02	-	01
Reserva do Cabaçal	01	-	06	03	08	04	02	-
Total da Comarca	13	03	24	06	20	10	05	07

03 - Faixa etária dos candidatos a vereador (idade)

MUNICÍPIOS	18 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	MAIS DE 60
Indiavaí	04	06	07	02	01
Reserva do Cabaçal	05	11	07	-	-
Total da Comarca	12	34	30	08	03

04 - Estado de origem dos candidatos a vereador

MUNICÍPIOS	MT	SP	GO	MG	BA	MS	ES	CE	PE	DF	PR
Indiavaí	08	05	-	02	02	-	01	01	-	-	01
Reserva do Cabaçal	07	02	-	09	-	01	04	-	01	-	-
Total da Comarca	22	15	09	18	06	02	07	03	02	03	01

Fonte: www.tre-mt.org.br

Colaboradores da 3ª edição:
 Darci Dorival Valério
 Eduardo Rodrigues de Bastos
 Elisângela Rodrigues da Silva
 Ester Aparecida de Mei Mello
 Flávio de Paulo Pedrosa
 Gabriel Moreda Neto
 Jones Ferreira Vicente
 Josenilda Alves das Neves
 Luzia Elizângela de Souza
 Marcelo Porrua
 Márcia Elizabete Machado de Lima
 Marilza Larranhas da Cruz
 Marlene Souza Santos
 Paula Regina Cardoso Colossi
 Pe. Ermínio (Celso) Duca
 Pe. Evandro Stefanello
 Renato da Silva Moura
 Stael Ferreira de Figueiredo Ito

OSCA GRÁFICA
FCARP FACULDADE CATÓLICA BAHIANA DA PAZ
 Fone: (65) 261-1384 Fone: (65) 261-1314
 graficoosca@vsp.com.br www.fcarp.com.br

COOPERATIVISMO: A vocação empresarial do Vale do Jauru

*Renato da Silva Moura

O atual processo de desenvolvimento econômico da região do Vale do Jauru trará grandes transformações locais e regionais. Sua vocação mostra um esforço para ter a participação e a integração de toda a sociedade diante das ações de um empreendimento social, que visa o crescimento regional, estadual e nacional bem como a concretização empresarial desse desejo.

Nos anos em que o mercado de trabalho ficou fechado, isto é, poucos postos de trabalho foram criados, nós consumidores pagávamos pelos erros dos equivocados planejamentos estratégicos idealizados que não levam em conta a mínima vocação dessa região. O fracasso imediato de algumas iniciativas ficava por conta da total falta de aptidão das empresas, afinal os custos de tantos projetos fracassados eram repassados para os preços dos pro-

duto aqui consumidos.

Num momento delicado da história dessa região surge a idéia de cooperativismo buscando alternativas para um modelo empresarial que não logrou êxito e, com isso, diminuir a injustiça social através do trabalho da coletividade. Esse projeto reforça-se pela união solidária em que o trabalho em conjunto descredencia o lucro como único objetivo, buscando o fortalecimento dos valores éticos do ser humano.

Dessa forma, o cooperativismo aparece como instrumento de trabalho competente e organizado economicamente, tanto na agricultura como na pecuária, e ainda no trabalho de comercialização de produtos. Hoje, o novo cooperativismo está surgindo de várias formas pelo seu caráter solidário e democrático, mais eficaz no combate à exploração do trabalho e do desemprego, ou seja, é uma espe-

rança e um meio mais seguro que opera no campo das realizações imediatas e que estimula valores alçados na medida dos grandes esforços, em vista de grandes conquistas.

Assim, pertencer a um movimento e usufruir as regalias de ser um dono solidário, sem a preocupação de estar só; poder escolher o seu líder ou ser um deles, são vantagens de ser um cooperativado. Acredito que a vocação empresarial do Vale do Jauru seja eminentemente cooperativista, movimento em que todos visam o trabalho com o mesmo fim: afixar suas metas no crescimento, aumentando a produtividade dos valores produzidos coletivamente e a vontade de buscar benefícios para si, suas famílias, sua comunidade e, fundamentalmente, garantir um futuro mais próspero e justo.

*Acadêmico do 8º semestre do Curso de Administração - FCARP



Foto aérea de Jauru



Foto Rio Jauru



Usina Hidrelétrica Rio Jauru

O SUCESSO DO
ALGODÃO EM

MATO GROSSO \$\$\$

*Eduardo Rodrigues de Bastos

O algodoeiro, conhecido desde a antiguidade, teve sua origem na Índia. Já no Brasil, a exploração do algodão se iniciou no século XVIII, e hoje é o quinto maior produtor do mundo, e, o sétimo em exportação, isso devido à sua recente história de modernização.

Com o vasto crescimento da cultura algodoeira, há mais ou menos seis anos, o Brasil passou a se adequar aos padrões internacionais de produção de algodão. Diversos fatores contribuíram para que isso acontecesse, dentre os quais apontamos a concentração dos produtores em associações, formação de cooperativas, melhora do preço de venda e modernização do maquinário. O algodão produzido no Brasil supera os demais produtores em qualidade e produtividade (fatores essenciais para venda no mercado mundial) e empata apenas com a Austrália. No entanto, a Austrália não possui mais espaço físico para aumentar sua produção, enquanto o Brasil tem espaço de sobra. Esse fator aliado ao aumento das encomendas pela China, maior consumidor mundial de algodão, assinalam pontos positivos para os produtores de algodão do Brasil.

A safra 2003/2004 vem reafirmar a competitividade do algodão brasileiro no mercado internacional, e, consolidar sua posição de grande exportador de algodão; afinal são 500 mil toneladas contra 175 mil da safra anterior. Segundo dados da Abrapa - Associação Brasileira dos Produtores de Algodão, a produção total é estimada em 1,24 milhão de toneladas contra 847 mil toneladas do ano passado, a maior da história. Devido à alta profissionalização da produção, com mecanização baseada em escalas crescentes, o algodão ganha em produtividade a cada

ano. Seus produtores estão sempre buscando técnicas eficazes a fim de obterem um retorno financeiro cada vez maior.

Quem vê o sucesso do algodão no Brasil deve lembrar que, embora possa ser lucrativo, o seu cultivo tem alto custo de implantação e é arriscado, por isso os produtores também plantam soja. A proporção ideal para o plantio é de 4 por 1, isto é, a área de soja que deve ser plantada deve ser 4 vezes maior que a área ocupada pelo algodão, pois se houver a frustração de safra com a soja, consegue-se recuperar replantando soja; se tiver frustração com o algodão só se recupera alterando a cultura para soja. De maneira geral quem planta algodão planta soja em sucessão.

Até meados do século passado a cultura algodoeira no Brasil abrangia boa parte do sertão nordestino, no entanto, devido a fatores adversos, como pragas e ineficiência do modelo de produção, a maioria de suas fábricas fechou, passando a liderança na produção para São Paulo e Paraná. Mais recentemente migrou para o Centro-Oeste, onde estão dois dos maiores produtores de algodão do país: Mato Grosso e Goiás, primeiro e terceiro produtores, respectivamente. Contudo, a Bahia já desbota na segunda colocação após substituir antigas e ultrapassadas técnicas de plantio e colheita por tecnologia avançada na produção.

Mato Grosso é hoje o estado que mais produz algodão, concentrado principalmente na sua região sudeste. O número de algodoeiras cresceu de 31 para 190 nos últimos sete anos no estado, confirmando o bom momento do setor. A Unicotton, Cooperativa dos Produtores de Algodão do Sudeste de Mato Grosso, fundada em 1998, é um dos exemplos de que a união

dos produtores, de pequenos a grandes, é um caminho irreversível, pois se ganha em eficiência (melhoria das técnicas), profissionalismo (pessoas melhor capacitadas na administração dos ideais de vários produtores), produtividade e rentabilidade (devido a redução de custos de produção e com a logística). O próprio governo incentiva a criação de cooperativas mediante abatimento de 9% no PIS/Cofins quando o produto é adquirido de empresas e não de pessoas físicas.

A posição de destaque do Mato Grosso e da região sudeste do estado tende a se consolidar ainda mais devido a nova mentalidade do produtor, aliada a forte vocação cooperativista de nosso estado, que entendeu que se ganha mais com a união do que competindo entre si. Quase todas as etapas do processo produtivo do algodão brasileiro são competitivas, ou seja, conseguimos baratear custos e possuir um produto mais barato no mercado mundial. A logística, que engloba distribuição da safra e armazenagem em nosso país, ainda possui alto custo por causa das péssimas condições de infraestrutura, como nossas estradas, má utilização dos armazéns e desentendimentos entre diversos agentes do processo. Faltam administradores aptos a contornar essas adversidades e tornar nosso agronegócio ainda mais competitivo. A mentalidade que possui o produtor de hoje em dia, falta para que os transportadores, os armazenadores, o governo e mais alguns agentes: unir forças e dividir lucros. Todos só têm a ganhar, principalmente o país.

Mais informações sobre o algodão podem ser conseguidas no site da Abrapa: www.abrapa.com.br



EM CASA E NO TRABALHO: OS NOVOS DESAFIOS DA MULHER MODERNA

*Elisangela Rodrigues da Silva



As mulheres possuem uma grande capacidade de adaptação. Adaptam-se rapidamente ao mundo moderno em que estão inseridas. Há tempos atrás elas eram vistas como rainhas do lar, não por administrar as finanças domésticas e sim porque a ela era atribuído o papel de educar os filhos, cuidar do marido e da organização da casa; no entanto, esse papel vem mudando constantemente. Hoje podemos dizer que as mulheres aproximam-se cada vez mais da igualdade, conseguimos o direito de participar do processo de escolha dos administradores do país (poder executivo), e já possuímos direito a 30% das vagas desse poder assegurado a nós.

Nós mulheres, estamos presentes em muitas áreas que antes pertenciam estritamente aos homens. Algumas organizações empresariais já dão preferência às mulheres para cargos como presidente e gerente financeira, entre outros cargos administrativos devido à eficiência demonstrada. No entanto, nem tudo são flores, com essas conquistas o preconceito está sendo superado, e, a mulher sendo recompensada pelo reconhecimento do seu desempenho profissional, entretanto todo esse prestígio exige sacrifícios.

A necessidade de ter filhos, marido e constituir famí-

lia aflora na maioria absoluta das mulheres, parece ser um instinto natural de perpetuar-se que fala mais alto, principalmente quando atingimos a idade entre 30 e 40 anos, que é quando esses desejos falam mais alto. E o que fazer? Conciliar casa e empresa se torna tarefa complexa e geralmente temos que optar por um das duas. Abrir mão da família e esquecer da vida pessoal, não poder sentir o amor de um filho, não ter um companheiro para dividir alegrias e tristezas, até que ponto o trabalho pode substituir essas necessidades?

É comum a criança reclamar a ausência da mãe, e se sentirem rejeitadas, e como fazer para administrar esse problema de forma a acompanhar o desenvolvimento dos filhos, ensinando os valores da vida familiar? É importante que as crianças desde cedo aprendam a respeitar ao próximo, ao meio ambiente, e que compreendam que precisam desse respeito para que se tornem pessoas justas e conscientes do seu papel na sociedade, e cabe aos pais passar as informações necessárias às crianças para que se tornem adultos responsáveis e acima de tudo instruídos e aptos a exercer a cidadania.

Sabe-se que, com a globalização, homens e mulheres se igualam no mer-

cado de trabalho, e a realização profissional é a meta a ser atingida. Na maioria das vezes, acabamos esquecendo, até mesmo abandonando, as tarefas domésticas, consequentemente os filhos acabam sendo criados por empregadas ou avós, que deixam as crianças livres para fazer o que querem e não impõem limites. Diante dessa nova ética, pesquisadores estão levantando a hipótese sobre a crescente onda de violência infantil. Uma das possíveis causas levantadas pelos psicanalistas seria a falta de educação demarcada pelos limites claros e pelo sentido de inclusão na comunidade. Em outras palavras, a sociedade capitalista, seqüestrou a mãe para o trabalho, impedindo-a de dar a necessária atenção aos seus filhos. Para a própria mulher os efeitos de seu afastamento súbito do lar tem causado vários conflitos interiores.

É certo que a verdadeira mãe não sumiu, nem morreu a tradicional dona-de-casa, mas talvez em um futuro breve tenhamos que repensar os novos valores pessoais, profissionais e se não conseguirmos conciliar as duas tarefas algumas seqüelas poderão aparecer na imensa teia de relações necessárias que precisamos estabelecer.

Pense nisto!

*Acadêmica do 8º semestre do curso de Administração FCARP

RESPONSABILIDADE SOCIAL: COMPROMISSO ENTRE EMPRESA E SOCIEDADE

*Flávio de Paulo Pedrosa

Atualmente o tema “responsabilidade social das empresas” vem sendo muito discutido e apresentado nos diversos segmentos empresariais e camadas sociais. Trata-se de uma nova forma de *administração empresarial*, onde aparecem ações com finalidades sociais.

A abordagem social incorporada aos negócios é relativamente recente. Nos últimos anos, as empresas, que até então estavam acostumadas a buscar somente o aumento dos lucros, viram-se pressionadas a adotar uma nova postura, mais transparente em seus negócios e mais responsável em suas ações. Não se trata aqui puramente de filantropia, caridade ou união a uma Organização Não Governamental (ONG), mas de uma postura ética, evidenciando preocupação com o desenvolvimento social.

São muitas as ações consideradas de caráter social desenvolvidas pelas empresas; elas podem ir desde o incentivo a seus funcionários, concedendo auxílios na educação, saúde e alimentação, até a manutenção de programas sociais externos, como recuperação de riquezas naturais, assistência social, entre outras.

As empresas que adotam a postura socialmente responsável apresentam algumas características fundamentais, com por exemplo: as empresas não prestam contas apenas aos seus acionistas, ao contrário, dão satisfação de suas contas aos funcionários, à mídia, ao governo e ao setor não governamental e ambiental e, ainda, às comunidades com quem operam; seu compro-

misso com os fatores sociais e ambientais englobam todos os itens utilizados no processo produtivo; promovem o desenvolvimento sustentável, onde são tomadas atitudes responsáveis em relação ao meio ambiente e à sociedade, promovendo parcerias duráveis que levam ao crescimento, inibindo futuros riscos, como impactos ambientais e processos judiciais.

Por fim, observamos também que estas empresas apresentam-se com transparência em sua conduta social e ambiental. Certamente estas informações são relevantes para analisar sua postura ética, principalmente em relação ao cliente. Observa-se que muitas empresas já adotaram a prática de publicarem relatórios anuais que trazem informações *sócio-ambientais*. Num futuro próximo, prevê-se que todas elas serão obrigadas a divulgar tais informações.

Para evidenciar, analisar e publicar as ações sociais desenvolvidas pelas empresas, as quais nos referimos, a contabilidade, como ciência que estuda o patrimônio das entidades, demonstrando informações econômicas, financeiras e sociais, aos seus diversos usuários, possui um ramo denominando *Contabilidade Social* ou *Contabilidade sócio-ambiental*.

Este ramo da Contabilidade, tem por objetivo principal estudar as influências das variações patrimoniais das entidades na sociedade e no meio-ambiente, utilizando-se do *Balanço Social* para elaboração e publicação de informações sociais.

No início dos anos 70, na

França e no Reino Unido, surge o primeiro modelo de *Balanço Social* como resposta à pressão internacional sobre as grandes empresas, especialmente nas questões ambientais. Inaugurou-se, então, uma nova perspectiva acerca das ações empresariais, pois estas deviam ser transparentes com todos os segmentos da sociedade.

Alguns indicadores que podem ser analisados num Balanço Social são a receita líquida, o valor bruto da folha de pagamento, gastos com alimentação, educação, saúde, participação nos lucros, contribuições para a sociedade e investimentos em programas ou projetos externos, enfim, encontraremos muitas ações sociais desenvolvidas por diversas empresas que poderão apresentar-se nesse tipo de balanço. Embora o Balanço Social seja visto de forma cética por alguns teóricos, como uma simples peça de marketing, muitas empresas o publicam, mesmo não existindo lei que as obrigue.

As recentes pesquisas mostram que as empresas socialmente responsáveis posicionam-se melhor no mercado, principalmente frente ao consumidor. Para que isso aconteça, é imprescindível a elaboração de um bom relatório sócio-ambiental ou Balanço Social, que deve ser claro, profundo, expressar a verdade e ser amplamente divulgado ao público. Com isso, pode-se esperar para as empresas melhor performance nos negócios e, conseqüentemente, melhor lucratividade.

*Acadêmico do 8º semestre de Curso de Ciências Contábeis - FCARP

LIVRE CONCORRÊNCIA E NEOLIBERALISMO

* Darci Dorival Valério



Nosso intuito aqui é falar um pouco sobre a livre concorrência do mercado e o neoliberalismo, isto é, falar sobre o direito assegurado aos consumidores de terem acesso aos bens de consumo junto a empresas que tenham como proposta praticar preços e propor vantagens aos consumidores sem que o estado ou o poder público interfira. Por isso, começaremos falando o que nos garante a Constituição Federal, em seu artigo 170, que rege os princípios gerais da atividade econômica, de forma que possa contemplar explicitamente a livre concorrência, a defesa do consumidor, e com mais profundidade, a função social da propriedade.

Diz o Art. 170: “A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os seguintes princípios:

III função social da propriedade

IV - livre concorrência;

V defesa do consumidor”

É sabido que a livre concorrência sempre foi o maior e mais eficaz instrumento de proteção e defesa do consumidor, no entanto, o Estado tem a missão de garantir a defesa dos interesses da coletividade, assim, veja o que diz o Art. 173: “§ 4º - a lei reprimirá o abuso do poder econômico que vise à dominação dos mercados, à eliminação da concorrência e ao aumento arbitrário dos lucros.”

Mas, nós sabemos que o cumprimento das leis em nosso país é algo bastante difícil. Então, o Governo Federal criou posteriormente o Conselho Administrativo de Defesa Econômica CADE e o Código de

Defesa do Consumidor, entre outros órgãos de defesa dos interesses dos consumidores. A criação dessas instâncias de defesa do consumidor tem por objetivo conciliar os interesses econômicos das grandes potências financeiras e as necessidades das classes mais pobres.

Exemplo da ação dessas instâncias reguladoras foram as polêmicas geradas no mercado de cervejas, com a fusão da Antártica e Brahma, criando a AMBEV, com vistas a conquistar mercados internacionais, mas que com isso constituíram 73,4% do mercado nacional. O CADE interveio e a fusão não ocorreu. Também nas esferas internacionais o Estado tem investido na defesa de nossos interesses, como nas questões da Embraer, construtora de aviões, das exportações agroindustriais, como carnes e soja, principalmente.

Recentemente o Brasil apelou para a Organização Mundial do Comércio contra os subsídios oferecidos pelos americanos aos seus produtores. Com essa “ajuda de custos” eles conseguiram produzir a custos menores e com isso exportar mais, tirando o Brasil do mercado de exportação. A Organização Mundial do Comércio deu ganho de causa ao Brasil.

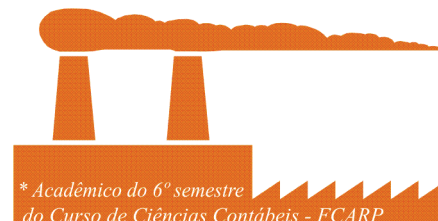
Tudo o que falamos aqui até agora tem sua origem numa corrente teórica da economia conhecida como NEOLIBERALISMO. Caracterizado como uma prática econômica que em tese rejeita a intervenção do Estado na economia, o neoliberalismo pressupõe que o mercado se auto-regule com total liberdade. As privatizações e a livre concorrência são características desse tipo de pensamento. É o mercado que dita as regras e conduz a produção. Surge aí um paradoxo: as nações com grandes mercados se fortalecem e as outras enfraquecem, pois o mercado livre é sustentado por uma política especulativa, sempre procurando investir onde os lucros sejam maiores.

O neoliberalismo tem como

principal função afastar o Estado do controle da economia, defendendo que os governos não devam ser assistencialistas, mas que a sociedade deva ser suficientemente capaz de resolver seus próprios problemas. Aos governos cabe garantir a lei comum, equilibrar e incentivar as iniciativas da sociedade. Dessa forma, é natural que o neoliberalismo também tenha influenciado a legislação que é utilizada pelo Estado como um dos meios para se alcançar esses fins.

Estaria nosso governo caminhando sobre os princípios fundamentais do neoliberalismo? Pode ser que sim, mas numa nação tão extensa e diversa como a nossa, dificilmente haverá um consenso de interesses. As constantes edições de MEDIDAS PROVISÓRIAS pelo governo deixam transparecer a defesa de interesses de blocos com grande poder de influência sobre nossos legisladores, que ora beneficiam uns em detrimento de outros.

Vivemos novos tempos e, ainda que não nos seja tão nítido, o futuro do Estado se define velozmente. Talvez a única coisa realmente certa seja tentarmos entender como funcionam os mecanismos do neoliberalismo e tentar influenciar os rumos da economia mundial de forma decisiva em direção ao bem geral da sociedade. Afinal, é esse pensamento que presentifica uma política econômica realmente voltada aos interesses de uma humanidade como um todo, e não apenas voltada para interesses pessoais, individuais e corporativos, em detrimento de uma maioria desvalida de seus direitos de ser consumidora de bens de primeira necessidade.



* Acadêmico do 6º semestre
do Curso de Ciências Contábeis - FCARP

CARTEL

UM ABUSO AOS DIREITOS DO CONSUMIDOR

*Gabriel Moreda Neto

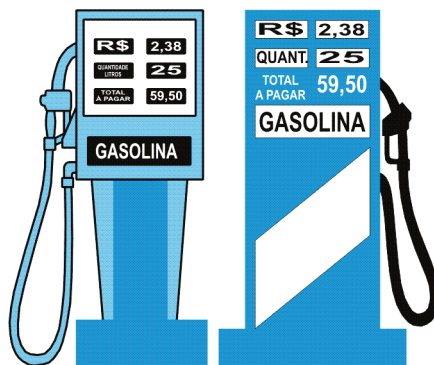
Certo dia, estava passeando com um amigo e o carro dele estava com pouco combustível; então, resolvemos colocar R\$10,00 de gasolina para voltarmos para casa. Começamos nossa peregrinação: fomos a um posto e descobrimos que só dava pra abastecer uns 4 litros e pouco, pois a gasolina custava R\$2,38 por litro, resolvemos ir a outro posto, mas a gasolina custava exatamente a mesma coisa, recorremos a um terceiro posto de gasolina e mais uma vez estavam lá em letras garrafais na placa: R\$2,38 por litro. Só pra tirar a dúvida fomos a todos os postos que conhecíamos, e o pior é que todos vendiam gasolina com o mesmo preço, então nos perguntamos o que havia acontecido com a “lei da oferta e da procura”, pois estavam nos dando apenas a oferta sem opção por procurarmos o preço que mais nos conviesse, afinal, o preço era o mesmo em todo o lugar. Abastecemos o carro, pois não tivemos opção. Pagamos os R\$2,38, mas não sem achar aqueles preços muito estranhos.

Refleti um bom tempo sobre a questão e descobri que só poderia haver uma explicação pra isso tudo: “CARTEL”, isso mesmo, cartel. Você já ouviu falar em cartel? Não é aquele mesmo cartel do tráfico de drogas do Pablo Escobar que existe na colômbia (embora haja algumas semelhanças entre eles), mas sim outro tipo de cartel, aquele que nada mais é do que um acordo injusto entre empresas que se organizam em sindicato para determinar preços, evitando a livre concorrência e obrigando o consumidor a submeter-se a preços abusivos.

Espera um pouco, nós esta-

mos no Brasil e não na Colômbia, o que este cartel esta fazendo aqui? Simples, os combustíveis são mercadorias controladas pelas oligarquias, tornando assim fácil e muito lucrativa sua manipulação. E quem acaba sendo sempre prejudicado é o consumidor, que vê seu direito de regulamentação do mercado, deturpado e perdido. E a gente tem que ficar aí parado?

Claro que não, pois pra começar a formação de cartel é crime, e está descrito nos direitos do consumidor, no capítulo II, art. 4.º, IV, da lei n.º 8.078, de 11/9/1990 e diz o seguinte: é obrigação do estado a



“Coibição e repressão eficiente de todos os abusos praticados no mercado de consumo, inclusive a concorrência desleal...”. Além do mais, acredito que uma empresa tem direito a negociar como bem entender com seus consumidores e clientes, e o consumidor tem direito a preços justos. Não pense que porque você não tem carro isso não te afeta, pois afeta sim, e não é pouco, olhe o preço do arroz, feijão e outros produtos no mercado, uma parte do valor desse produto é consequência das despesas com transporte, tanto do trigo como do envio desses pãezinhos até o mercado, e estas despesas depen-

dem totalmente do preço do combustível, e isso não vale só para produtos alimentícios, vale pra qualquer tipo de produto.

Infelizmente, a formação de cartel é uma prática bastante comum. Se olharmos ao nosso redor veremos isso acontecendo tranqüilamente, e nós, nos submetendo a esse tipo de ditadura do mercado. Ao invés de manipular o consumidor, os empresários deveriam ser mais criativos e competentes na organização de formas de atrair o consumidor e garantir o seu lucro. Do outro lado, o consumidor deve lutar contra os preços abusivos e a favor da cidadania e da justiça.

Devemos ficar atentos para não sermos manipulados, pois a formação de cartel é crime e deve ser combatida. Mas não somente quando existe em grandes setores do mercado como os combustíveis, mas também quando aparece no abuso do preço de pequenos produtos e serviços, como por exemplo no valor cobrado pelas fotocópias. E não se dá apenas nas grandes cidades, mas também em pequenos municípios. Quer um exemplo bem concreto? No meio acadêmico, podemos dizer que existe um “cartel da fotocópia”, pois na maioria dos lugares o preço é o mesmo, às vezes varia de valor apenas de uma cidade para outra, mas sempre estão tabelados com o mesmo preço. Você já percebeu isso? Fique atento, e você verá.

Então, mostre que você tem consciência de seus direitos e que pode exercer com dignidade a sua cidadania. Afinal, ser cidadão não é só votar, é participar dos rumos que a sociedade deve tomar.

*Acadêmico do 4º Semestre do Curso de Ciências Contábeis FCARP



Marlene de Souza Santos

Natural de Conceição da Barra-ES, casou-se no estado do Espírito Santo no dia 14 de fevereiro de 1982 e na mesma semana mudou-se para Araputanga-MT, onde seu esposo residia desde 1979. Logo adquiriu a Fazenda São Pedro, onde reside até hoje como pecuarista e empresária na área do comércio de confecções. Em 29 de janeiro de 1989, seu esposo, junto com outros idealizadores, fundaram a Cooperativa de Crédito Rural do Noroeste de MT, CREDINOROESTE, hoje SICREDI NOROESTE MT, à qual associou-se ainda em 1989 e para a qual foi eleita Diretora Vice-Presidente em 1995 e reeleita em 1998 e 2001. Eleita Diretora Presidente em março de 2004 tem como meta desenvolver ainda mais a cooperativa, fazendo com que os associados se interessem cada vez mais pelo crescimento da Cooperativa.

EA - O que é Sicredi e como surgiu?

R: A primeira Cooperativa de Crédito no Brasil foi fundada pelo Padre Theodor Amistad no município de Nova Petrópolis-RS, no ano de 1902. Em 10 de julho de 1992 as Cooperativas de Crédito do Rio Grande do Sul unificaram-se sob a denominação de SICREDI. Em nossa região o cooperativismo de crédito surgiu em 29 de janeiro de 1989, quando 23 pessoas se uniram e fundaram a Cooperativa de Crédito Rural do Noroeste de MT, CREDINOROESTE, que em 1998 passou a integrar o SISTEMA DE CRÉDITO, com a denominação de SICREDI NOROESTE MT. O sistema SICREDI hoje é composto por 127 Cooperativas de Crédito Singulares possuindo mais de 800 unidades de atendimento, cinco Centrais: RS e SC, PR, MT, MS e SP, uma Confederação, um Banco Cooperativo BANS CREDI, uma Corretora de Seguros, uma Administradora de Cartões e uma Empresa de Informática.

EA - Há quanto tempo a senhora faz parte desse empreendimento e quais as suas expectativas e responsabilidades frente ao cargo de diretora presidente que ocupa?

R: Do quadro de associados da Cooperativa faço parte desde o ano de sua fundação, que ocorreu em janeiro de 1989. Como mem-

bro da diretoria executiva estou aproximadamente há 10 anos, sendo eleita Diretora Vice-Presidente na AGO Assembléia Geral Ordinária em março de 1995 e Diretora Presidente na AGO realizada em março de 2004. Minhas expectativas, como gestora, estão voltadas ao crescimento do negócio, sem esquecer, é claro, de preservar a irrestrita natureza da cooperativa e respeito à individualidade do associado sempre mantendo a

“Os desafios são muitos, assim como a responsabilidade.”

transparência na gestão. Os desafios são muitos, assim como a responsabilidade. Compete ao Diretor Presidente, assim como os demais membros da Diretoria Executiva que são o Diretor Vice-Presidente e Diretor Secretário, dentre outras responsabilidades, administrar a Cooperativa em seus serviços, operações e demais atividades, zelando pelo cumprimento da legislação e normas regulamentares oficiais e internas do SICREDI, acompanhando diariamente o estado econômico-financeiro da sociedade.

EA - Quais os princípios que fundamentam o sistema de crédito cooperativo?

R: Os princípios do Cooperativismo são: a adesão livre e voluntária,

a participação econômica dos associados, a autonomia e independência, educação, formação e informação, a intercooperação, a preocupação com a comunidade, isto é, a responsabilidade social.

EA - Qual a importância do Sicredi para a população de Araputanga e de toda a região?

R: É de suma importância para toda a população das comunidades onde atua, pois além de prestar serviços como instituição financeira, realiza trabalhos sociais através de parcerias. Visa atender as necessidades do produtor rural seja ele mini, pequeno, médio ou grande. A Cooperativa de Crédito Rural do Noroeste de MT SICREDI NOROESTE MT, também gera empregos diretos nas comunidades onde atua, visto que no processo seletivo para contratação de colaboradores dá prioridade às pessoas que residem na comunidade.

EA - Quais as principais frentes ou linhas de investimento do Sicredi?

R: A Cooperativa de Crédito Rural do Noroeste de MT SICREDI NOROESTE MT, tem financiado custeios pecuários e agrícolas, bem como investimento para aquisição de tourinhos ou bovinos para engorda com recursos próprios. Esses recursos são captados através do Capital Social, SICREDI INVEST e demais modalidades de aplicações dos associ-

ados, através do BANSICREDI, que é o Banco das cooperativas

“Através dos recursos do BNDES, são atendidos, também, os mini e pequenos produtores”

de crédito integradas ao sistema SICREDI, capta e repassa recursos de investimento das linhas do BNDES Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, onde são realizados financiamentos para aquisição de máquinas e equipamentos como tratores, roçadeiras e outros e também financiamentos para a reforma de pastagens degradadas. Através dos recursos do BNDES, são atendidos, também, os mini e pequenos produtores nas linhas de PRONAF.

EA - Sendo mulher e estando a frente de um sistema financeiro, como a senhora percebe o papel feminino diante de grandes empreendimentos?

R: A mulher do século XXI está mais integrada aos negócios do que há tempos atrás. Seu papel é muito importante e de grande responsabilidade diante dos grandes empreendimentos, temos visto grandes empresas lideradas por mulheres competitivas e de ampla visão na gestão dessas organizações. A participação da mulher, principalmente no mundo financeiro, tende a aumentar, visto que no início do ano de 2003 o advento do Novo Código Civil proporcionou ainda mais participação a mulher na vida financeira do casal.

Na Cooperativa de Crédito Rural do Noroeste de MT confiamos muito no trabalho das mulheres, pois dos 63 colaboradores 31 são

mulheres, e na liderança das equipes das 12 Unidades de Atendimento temos 7 mulheres à frente dos negócios.

EA- De que forma o Sicredi se posiciona diante de modelos de gestão que visam a responsabilidade social das empresas?

R: O Sicredi Noroeste, por ser uma cooperativa, já tem como princípio a preocupação com a comunidade onde está inserida, apoiando projetos sociais para a melhoria de vida das pessoas da comunidade, seja na educação, saúde, esporte ou cultura.

“Toda empresa deveria ter uma preocupação maior com a sociedade onde está inserida...”

Entendemos que toda empresa deveria ter uma preocupação maior com a sociedade onde está inserida, atuando como instrumento de organização econômica e proporcionando o bem estar à comunidade. Os trabalhos desenvolvidos junto à sociedade normalmente são realizados através de parcerias junto ao quadro associativo da Cooperativa, todavia quando apresentados projetos sociais, são analisados e apoiados na medida do possível.

EA - Como o Sicredi tem respondido (com que ações) à vocação ao agronegócio da região do Vale do Jauru?

R: O Sicredi Noroeste MT vem apoiando o agronegócio, não apenas do Vale do Jauru, mas sim de todas as cidades onde atuamos com um quadro de associados composto por mais de 6.000

sócios. O Sicredi Noroeste está presente em Araputanga sede, Jauru, Figueirópolis D'Oeste, Reserva do Cabaçal, Salto do Céu, Lambari D'Oeste, Pontes e Lacerda, Conquista D'Oeste, Nova Lacerda, São José dos Quatro Marcos, Vila Bela da Santíssima Trindade e Comodoro, participando de praticamente todos os eventos envolvendo o Agronegócio e viabilizando financiamentos para a melhoria das técnicas de exploração Agropecuária.

“A formação acadêmica é importantíssima para qualquer cidadão, pois desperta o seu senso crítico.”

EA - Como se consolidaram as parcerias entre o Sicredi e a FCARP?

R: Primeiramente entendemos que a formação acadêmica é importantíssima para qualquer cidadão, pois desperta o seu senso crítico, o qualifica para a vida profissional, ampliando sua “visão de mundo”. A partir dessa visão, entendemos que a FCARP, com pessoas sérias na administração e ligadas à Fundação Arco-Íris, necessita de parcerias que impulsionem o seu crescimento proporcionando a melhoria do ensino e qualificação profissional de nossa região. Por uma decisão da Assembleia Geral Ordinária, realizada em março de 2004 foi destinada parte dos recursos que ficaram à disposição da AGO para a FCARP com a finalidade de ampliação de salas e aquisição de equipamentos necessários para a viabilização de mais 3 novos cursos, Direito, Educação Física e Sistema de Informações. 📄

A MULHER E O MERCADO DE TRABALHO

**Josenilda Alves das Neves*

Os resultados preliminares da amostra do Censo 2000 apontam que as mulheres são maioria no país. Elas somam 86,2 milhões de pessoas, o que equivale a praticamente 50,8% da população. Atualmente, o predomínio de mulheres ocorre em todas as regiões do país. Elas são maioria nos centros urbanos, mas encontram-se em minoria nas zonas rurais: são 47,6%, contra 52,4% dos homens.

As mulheres ainda enfrentam sérios problemas quando o assunto é renda e trabalho. Na média elas ganham menos que os homens e são em menor número no mercado de trabalho, conforme revelou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), feita pelo IBGE em 2001. No quesito escolarização, no entanto, elas estão à frente. Esse fator pode explicar a maior facilidade que a mulher teve de reinserção (volta) no mercado de trabalho. De acordo com a pesquisa, a proporção de mulheres com 11 ou mais anos de estudos, com pelo menos o ensino médio completo, é bem superior à média dos homens: 35,1% contra 24,6%.

Segundo Eduardo Bom Ângelo, representante Latino Americano, na qualidade de pesquisador, no 1º GEM Conference (Global

Entrepreneurship Monitor) congresso realizado na Alemanha, a busca do equilíbrio entre a vida profissional e o tempo dedicado à família, eterno dilema das mulheres modernas, tem sido uma das principais razões que tornam o universo feminino cada vez mais ligado ao empreendedorismo. Ao montar seu próprio negócio, elas afirmam que conseguem administrar melhor o tempo. Com horários mais flexíveis de trabalho, acompanham mais de perto a educação dos filhos e ainda encontram tempo para tarefas domésticas.

Outro fator que liga o mundo feminino ao negócio próprio é a crescente e significativa presença delas no setor de serviços, mercado que impulsiona positivamente a atividade empreendedora. A dura realidade corporativa também influencia nas decisões.

A segregação do mercado de trabalho tende a favorecer mais o empreendedorismo feminino que o masculino, dizem os pesquisadores. A explicação é simples: a presença de mulheres em cargos gerenciais e de alta administração ainda é bem inferior, mesmo que crescente em relação à presença dos homens. A insatisfação com a própria carreira, por esta e outras razões, é um fator que motiva



as mulheres a iniciar um novo negócio.

Para o gerente da Unidade de Educação e Desenvolvimento de Cultura Empreendedora do Sebrae, Enio Duarte Pinto, o talento das mulheres para os negócios vem das experiências que elas têm com a administração do próprio lar. Administrar um lar é administrar um empreendimento. A mulher tem mais credibilidade em relação ao cumprimento de seus compromissos empresariais. Outro fator a favor das mulheres diz respeito à fama que têm de serem mais econômicas, afirma Enio Duarte.

Diante de tantas possibilidades conquistadas pelas mulheres, a ocupação competente do mercado de trabalho será inevitável.

** Acadêmica do 4º semestre do Curso de Ciências Contábeis - FCARP*

FCARP - BALANÇO DAS OBRAS: UMA CONQUISTA DA COMUNIDADE

A Faculdade Católica Rainha da Paz de Araputanga MT, recebeu em dezembro de 2003 as comissões do MEC (Ministério de Educação e Cultura) para Autorização de 03 (três) novos cursos: Direito, Educação Física e Sistemas de Informação. Na ocasião foram baixadas diligências com prazo de 180 (cento e oitenta) dias para serem cumpridas. Essas diligências referiam-se à construção de salas de aula, melhoria da infraestrutura, aquisição de acervo bibliográfico para os cursos em pauta, compra de equipamentos, ampliação da biblioteca, dentre outras...

Durante os meses de Janeiro a Julho de 2004, priorizamos o atendimento às exigências e iniciamos junto à Comunidade uma Campanha para que pudéssemos cumpri-las dentro do prazo previsto, uma vez que o investimento era significativo. A seguir as obras e trabalhos realizados:

CONSTRUÇÃO

- 03 (três) salas de aula, forradas, mobiliadas com carteiras para os alunos, mesa para o professor, telão para retro-projeção e ventiladores, sendo uma delas com ar-condicionado;

- 01 sala ampla para o Laboratório de Anatomia e Fisiologia do Exercício, exigência para o Curso de Educação Física, forrada, com ventiladores, telão para retro-projeção, mobiliada com mesas de 04 (quatro) metros e 50 (cinquenta) banquinhos para os alunos, bem como armário grande em madeira para guardar o material específico do Curso. Compramos ainda todo material solicitado como: aparelhos de pressão, balança ergométrica, bonecos de silicone para identificação de músculos e órgãos do corpo humano, esqueleto montado e peças diversas para estudo dos ossos, peças de silicone das articulações de joelho, quadril, mãos, pés, etc...

- 01 salão para o Laboratório de

Informática (em degraus) com capacidade de atendimento a 50 (cinquenta) alunos, forrado, com ar-condicionado, mobiliado com bancadas e cadeiras para os alunos, mesa para o professor, telão para retro-projeção e equipado com 26 (vinte e seis) computadores de boa configuração, ligados em rede com acesso à internete 24 horas;

- 01 sala anexa ao Laboratório de Informática para manutenção dos equipamentos, forrada, com ar-condicionado e servidor ligado em rede com todos os computadores da FCARP;

- 01 sala anexa à Biblioteca, específica para estudos em grupo, forrada, com ventiladores e 10 (dez) jogos de mesas com 04 (quatro) cadeiras;

- 02 banheiros para professores;

- 01 sala para professores;

- 06 salas anexas à sala dos professores, para coordenação dos cursos.

MELHORIAS NA INFRA-ESTRUTURA

- Ampliação da Biblioteca existente;

- Instalação de ar-condicionado na Biblioteca;

- Instalação de cabines individuais para leitura;

- Instalação de 03 (três) computadores na biblioteca, ligados em rede para consulta do acervo bibliográfico pelo próprio usuário;

- Compra e instalação de 01 (um) transformador de energia com maior capacidade de sustentação;

- Instalação de extintores de incêndio.

AQUISIÇÃO DE LIVROS E EQUIPAMENTOS

- Aquisição de todo acervo bibliográfico necessário ao funcionamento do 1º ano dos Cursos de Direito, Educação Física e Sistemas de Informação;

- TVs, Vídeos, retro-projetores, além dos computadores do

Laboratório de Informática e equipamentos do Laboratório de Anatomia.

As construções e melhorias relacionadas acima, foram acompanhadas pela Diretoria da Fundação Arco-Íris, Mantenedora da Faculdade Católica Rainha da Paz e Diretoria da Faculdade Católica Rainha da Paz.

Informamos ainda que recebemos em agosto/2004, o retorno das comissões de Direito e Educação Física para verificação do atendimento às exigências e os relatórios foram positivos em todos os sentidos. Estamos aguardando publicação do resultado para divulgarmos o vestibular. A comissão do Curso de Sistemas de Informação ainda retorna à Instituição nos próximos 60 (sessenta) dias.

RECONHECIMENTO DOS CURSOS

Estamos aguardando a publicação do reconhecimento dos Cursos de Administração, Ciências Contábeis e Letras. Os relatórios das Comissões foram favoráveis ao reconhecimento e a Instituição aguarda a publicação das Portarias para proceder ao registro dos Diplomas dos egressos de 2003 junto à UFMT (Universidade Federal do Estado de Mato Grosso).

Na oportunidade, agradecemos todas as empresas, pessoas da comunidade, funcionários, professores e acadêmicos que acreditaram e lutaram conosco neste empreendimento tão grandioso, colaborando e fazendo parte das equipes na busca de recursos.

Que Deus e Nossa Senhora Rainha da Paz abençoem a todos!

Faça-nos uma visita e conheça nossas instalações!

*Marilza Larranhagas da Cruz
Diretora Geral Fcarp*

*Pe. Ermínio (Celso) Duca
Pres. Fundação Arco-Íris*

GABRIELA: UMA MULHER ALÉM DO SEU TEMPO

*Luzia Elizangela de Souza Gomes

**Marcelo Porrua

Você conhece “Gabriela, Cravo e Canela”? Antes de tudo, Gabriela é uma personagem que dá nome a literatura, escrita por Jorge Amado. A obra fez tanto sucesso que acabou sendo adaptada para a novela, onde registrou um dos maiores êxitos na nossa televisão, foi repetida em Portugal, foi também adaptada para história em quadrinhos e cinema. Você conseguiu se lembrar?

Para quem não conseguiu lembrar de Gabriela, irei falar brevemente desse romance, e quem acompanhou o romance pode aproveitar para relembrar a história da retirante, que consolidou a popularidade do escritor Jorge Amado.

A obra “Gabriela, Cravo e Canela” conta a seguinte história: Em Ilhéus vivia Nacib, dono do bar Vesúvio, que repentinamente se viu sem cozinheira. Foi até o “Mercado de Escravos”, em busca de uma cozinheira, encontrou Gabriela, que sabia fazer de tudo. Gabriela revelou-se competentíssima. Ela era espontânea e gostava de brincar, correr com as crianças, ria sem motivo, ria sempre e muito. Nacib lhe propôs casamento. Casaram-se, mas não foram felizes. Depois de uma traição, Gabriela foi mandada embora de sua casa. Após algum tempo volta a ser sua cozinheira, voltando a ser a mulher livre e feliz de outrora.

Gabriela se caracteriza por desconhecer os estatutos da ordem vigente, a autoridade do poder constituído pelos coronéis, os valores éticos oficiais. No entanto, como Gabriela não compactua com as noções tradicionais, sua transgres-

são atinge apenas as regras comportamentais da sociedade, não seu mundo interior, desprovido de qualquer espécie de censura (consciente ou inconsciente). Ela não tem consciência de suas infrações aos modelos normatizados pela sociedade e pelo autoritarismo dos coronéis da Ilhéus de 1925; ela apenas vive.

Cada momento é vivido intensamente por Gabriela sem se preocupar com a moral social da época, ao contrário das demais mulheres que não tinham esse tipo de comportamento, pois descobriam a sexualidade somente depois de casadas. As mulheres livres dessa época eram as prostitutas dos cabarés, onde coronéis e alguns outros freqüentavam. Gabriela não era prostituta, ela apenas seguiu seus reclamos instintuais, totalmente absorvida pelos impulsos do princípio do prazer, livre na sua liberdade natural. Gabriela ouve e faz ouvir a voz da natureza que não levanta empecilhos para sua felicidade.

Todas essas iniciativas inovadoras de Gabriela servem como exemplo para quebrar os preconceitos de uma sociedade arcaica, principalmente em relação a mulher, que não tinha nenhum significado, além de um objeto sexual, que deveria obedecer regras dos maridos ou de uma sociedade. Consciente ou inconscientemente, os homens e as mulheres procuram liberar-se das amarras proibitivas e convencionais, em busca da livre fruição de suas vidas. As mulheres do tempo de Gabriela e de tantos séculos passados viveram e, ainda hoje, vivem

sujeitas à lei do regime patriarcal, que povoa principalmente o imaginário dos homens. A mulher tinha que preservar sua imagem, sendo praticamente uma figura decorativa, não podendo representar uma ameaça aos homens, ou seja, não era permitido a mulher dessa época ter um espírito inovador.

Gabriela era uma mulher a frente de seu tempo; tinha uma grande determinação em trabalhar, não para ganhar dinheiro e sim para ser feliz, se sentir útil, pois trabalhar era uma das coisas que mais lhe dava prazer. Gabriela sempre seguiu os impulsos do coração. Em direção contrária à cultura regulamentada, restringe ou nega o prazer, tido por nocivo ao mundo masculino do trabalho, Gabriela é portadora dessa aceitação tranqüila dos fenômenos naturais, na medida em que se entrega aos seus impulsos e desejos, ao seu gostar e ao viver intenso daqueles que não têm medo de viver, encerrar sua vida de frente e ser feliz.



* Acadêmica do 4º semestre do Curso de Letras - FCARP
** Professor de Teoria da Literatura e mestrando UFMT

Jorge Amado nasceu em Itabuna (BA), em 10 de agosto de 1912. Militou no Partido Comunista Brasileiro e chegou a eleger - se deputado federal em 1945. Membro da Academia Brasileira de Letras

desde 1961, Jorge Amado foi substituído na cadeira pela mulher, a também escritora Zélia Gattai, companheira de toda a vida que se tornou conhecida após publicar “Anarquistas, graças a Deus”. O

romance “Gabriela, Cravo e Canela” foi traduzido com imenso sucesso para 15 idiomas, e granjeou para seu autor, Jorge Amado, cinco importantes prêmios literários.

“ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”: UMA METÁFORA EM FAVOR DA HUMANIZAÇÃO

*Ester Aparecida de Mei Mello

**Márcia Elizabete Machado de Lima



Ao desenvolver uma espécie de realismo fantástico em seus romances, José Saramago usa sua imaginação, aliada a um ilimitado amor à vida, e assim escreve “Ensaio sobre a Cegueira”, em 1995. Romance sem menção de datas, nem espaço real, com personagens sem nomes, identificados pelos aspectos sociais e referentes a visão: O cego, a moça dos óculos escuros, o velho da venda preta, o menino estrábico, o médico... a mulher do médico, a única que não perde a visão e os guia com força, determinação, e acima de tudo, com muita solidariedade.

A história é contada a partir do registro de um episódio cotidiano, quando um motorista, parado no sinal, subitamente se descobre cego. Esse é o primeiro caso de uma “treva branca” que logo se espalha incontrolavelmente, por isso, colocados em quarentena pela ignorância e pelo medo das autoridades que os condenam a viver em condições subumanas; ali os cegos vão se descobrir reduzidos à essência humana, numa verdadeira viagem às trevas.

Dessa maneira, a cegueira fez com que a humanidade se reduzisse àquela cidade, e assim passasse extremamente afetuosa. Numa progressiva escuridão, o homem descobre suas verdadeiras correspondências, a iluminação de suas qualidades e terrores; de modo especial, a importância do papel da mulher.

José Saramago, com seu estilo

impressionante e comovedor, busca no romance “Ensaio sobre a Cegueira”, dar-nos uma visão das trevas, uma viagem ao inferno, haja vista, que a história constitui-se de uma resistência possível à violência de tempos “escuros”.

Dessa forma, Saramago tenta unir de um lado, a velocidade, a ganância e a abstinência moral, e de outro, a profecia e o misticismo, no qual o autor, lembra a “responsabilidade de ter olhos, enquanto outros os perderam”. Este romance é um chamamento à ética, ao amor e à solidariedade, pois cada personagem destina-se a viver um pelo outro naquela situação de inquietação. Por conseguinte, cada leitor viverá, o que está sendo exposto, numa espécie de experiência imaginativa, no esforço de recuperar a lucidez.

O romance “Ensaio sobre a Cegueira”, não visa apenas reparar o significado das coisas, mas procura proceder à reparação do que foi perdido, ou “mutilado”. A epígrafe de abertura relata a verdadeira face da sociedade, onde a visão está voltada somente para o próprio “Eu”. “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

A sociedade contemporânea, nesse aspecto, no “Ensaio sobre a Cegueira”, aproxima-se da Idade Média, por sofrer as mesmas críticas; como é o caso da mulher do médico, ao dizer “Abramos os olhos”. A situação em que os cegos se encontram parecia absurda, mas não deixa de fazer na ambigüidade e no caráter desusado que a cegueira assume na obra.

A obra discute o fato de a mulher do médico ser dotada pela visão, embora ela disfarçasse. O papel que desempenha faz com que ela acabe assumindo a função de organizadora do grupo de cegos, constituindo assim, valores não somente de ordem racional como também sensíveis.

Podemos dizer o mesmo em relação aos instintos que aquela mulher

tinha, ajudar seus “companheiros”, o local de isolamento adquire uma função de casa, “no sentido de acolhimento” e na tentativa de preservação dos valores familiares quando os cegos se vêm sem saída naquele lugar.

A mulher do médico assume o papel de mãe para todos, com o intuito de oferecer proteção torna-se uma fiel e solidária companheira. Solidariedade esta que também se revela no mundo animal, representado pelo cão, que ao ver o desespero da mulher do médico a buscar alimentos para si e para os seus companheiros cegos, enxuga suas lágrimas, passando a ser designado como o “cão das lágrimas”.

Os valores preservados pela razão nem sempre garantem o que a mulher do médico fez e sim condizem, de modo mais sensível, e generoso, ao seu saber intuitivo. Essa ligação representa o desenvolvimento emocional da personagem.

A epidemia chega num grau intenso, e acaba por atingir toda a população do local; a mulher do médico é a única pessoa que ainda consegue enxergar e assim registrar todo o horror e provação que os cegos enfrentam.

Pode-se dizer que através das observações dos comportamentos deles e a partir do modo que se relacionam, a mulher do médico chega à conclusão de que as pessoas só podem mostrar quem realmente são, a partir do momento em que não podem julgar pelo que vêem.

Por fim, entendo que o autor ao escrever esse romance, tenta fazer com que o leitor perceba a verdadeira essência do ato de enxergar; tentando assim fazer com que o homem recupere a lucidez e resgate o afeto que nos obriga a parar, fechar os nossos olhos e ver.

* Acadêmica do 8º semestre de Letras FCARP

** Professora de Literatura Portuguesa e mestre em Literatura Comparada

A BUSCA INCESSANTE DA IDENTIDADE FEMININA: Macabéa

*Stael Ferreira de Figueiredo Ito
**Marcelo Porrua

A obra de Clarice Lispector, "A hora da estrela" nos relata a história de Macabéa, personagem protagonista ela é uma mulher miserável, que mal tem consciência de existir. Depois de perder seu único elo com o mundo, uma velha tia, ela viaja para o Rio de Janeiro onde se emprega como datilógrafa. Apaixona-se então por Olímpico de Jesus, um metalúrgico nordestino, que logo a trai com uma colega de trabalho. Desesperada, Macabéa consulta uma cartomante que lhe prevê um futuro luminoso, bem diferente do que a espera, ao sair da casa da cartomante, Macabéa é atropelada por Hans, que dirigia um luxuoso Mercedes-Benz, e morre. Esta é a sua "hora da estrela", momento de libertação para alguém que, afinal, "vivia numa cidade toda feita contra ela".

Lendo Clarice, somos levados a refletir sobre as mulheres, imersas em estado de absoluta interiorização, esmagadas pelo peso da subjetividade e para quem a realidade externa é nebulosa e ameaçadora. Mulheres que vivem enclausuradas em dolorosa solidão, buscando incessantemente a própria identidade, lutando contra seus medos e inseguranças.

Em "A hora da estrela", Clarice mergulha na própria consciência da personagem, relatando "de dentro" um universo repleto de elementos reais, guiados essencialmente por seus sentimentos,

registra um cotidiano monótono e sufocante. A personagem e o autor parecem fundir-se em corpo e alma. Sua personagem, Macabéa, era tão alienada e inconsciente, que não sabia nem mesmo que era infeliz. No entanto, o aspecto predominante de sua medíocre personalidade é o seu despreparo pela vida inteligente. Sua principal característica é a sua completa alienação.

Apesar de seu fracasso, Macabéa resiste a todos dissabores. A resistência de Macabéa



pode ser representada, por exemplo, nos momentos em que é *tão tola que sorri para as pessoas na rua, mas ninguém lhe responde ao sorriso porque sequer a olham. Sua própria cara expressa tanta pobreza mental que parece pedir para ser esbofeteada.*

Na sua vida medíocre, Macabéa não se dá conta de que sua vida é uma mesmice e que ninguém a respeita. Nada a desespera, nem saber que não faz falta a ninguém. Macabéa não

pensa em futuro e, de repente, por causa das palavras de uma cartomante, vê-se diante de um futuro que desconhecia. Assim, sai para descobrir um mundo que até então não conhecia.

Nos seus últimos instantes, pessoas prestam atenção nela. Ela é o centro das atenções. Transforma-se em uma estrela. Tanto é que, em meio à sensualidade que vai sentindo, encolhendo-se como um feto, começa a delirar, imaginando que seu sangue era estrela. É o seu grande momento, proporcionado pela morte. Havia encontrado um motivo para o seu existir.

Clarice, através da personagem Macabéa, consegue despertar a atenção do leitor, fazendo-o refletir sobre a mulher na sociedade, bem como os preconceitos que a rodeiam, a constante busca do seu espaço num mundo onde a disputa é grande, tanto no trabalho como na vida pessoal.

Apesar dessas diferenças, a mulher tem conseguido seu espaço, tanto nos meios sociais, quanto na abertura para o mercado de trabalho. Assim, a mulher continua buscando incessantemente a própria identidade, lutando contra os medos e inseguranças, buscando seu próprio brilho que, necessariamente, não precisa ser o de uma estrela, pois possui o seu próprio valor.

Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik, pequena cidade da Ucrânia em 1920, chegou ao Brasil aos dois meses de idade, naturalizando-se brasileira posteriormente. Criou-se em Maceió e Recife, transferindo-se aos doze anos para o Rio de Janeiro onde se formou em direito, trabalhou como jornalista e iniciou sua carreira literária.

Viveu muitos anos no exterior, em função do casamento com um diplomata brasileiro, teve dois filhos e faleceu em dezembro de 1977, no Rio de Janeiro. Entre suas obras mais importantes estão as reuniões de contos A Legião Estrangeira (1964) e Laços de Família (1972) e os romances A Paixão Segundo G.H. (1964) e A Hora da Estrela (1977). Sua escrita

*Acadêmica do 6º semestre do Curso de Letras FCARP
** Professor de Teoria da Literatura e mestrando pela UFMT

situa-se numa confluência de paradigmas, que a narradora põe em tensão a cena do Realismo-Naturalismo e a do Romantismo-Simbolismo. Isto significa que em seus textos encontram-se veios recessivos que, transformados por sua perspectiva pessoal, criam um entrelaçamento significativo entre a realidade e a "realidade adivinhada".

“CAPITÃES DE AREIA” UM GRITO PELA INFÂNCIA



*Paula Regina Cardoso Colossi

** Marcelo Porrua

Você já parou para refletir sobre as condições de vida de uma parcela significativa dos nossos jovens e crianças, rotulados como adolescentes infratores? Atualmente, percebemos que é crescente o interesse pela reflexão sobre essa camada da população marginalizada, pois atinge lugar de destaque no cenário nacional. Instituições e pessoas dedicam-se a estudos e atividades de reintegração desses menores à sociedade. São os chamados projetos de ressocialização.

Nem sempre foi assim, o Brasil demorou a tomar consciência de que tem responsabilidade social diante desse fenômeno. Jorge Amado, escrito e romancista baiano, entra nessa discussão muito antes de a sociedade se preocupar efetivamente com a parcela de crianças e adolescentes que integram grandemente o universo da marginalidade em nosso país. Para denunciar as condições do submundo onde essas crianças e adolescentes vivem, Jorge Amado escreve “Capitães de Areia”, uma descrição das condições de vida e existência dos menores marginalizados de Salvador, oferecendo-nos farto material para transpormos nossa reflexão sobre a infância em diferentes tempos e espaços no Brasil.

“Capitães de Areia” conta a história de um grupo de menores abandonados e marginalizados que aterroriza Salvador. Os únicos que se relacionam com eles são: o Padre José Pedro e uma Mãe de Santo. O reformatório e o orfanato são imagens carregadas por lembranças cruéis, onde os garotos eram oprimidos e castigados rigorosamente, o que lhes aumentava o ódio e a revolta pelas instituições e pelas pessoas. Foram momentos pelos quais passaram, até que cresceram e seguiram seus rumos. Quando eram capturados e levados para esses lugares sofriam terrivelmente. Ao saírem, eram discriminados pela

sociedade, situação a qual estavam acostumados, mas não acostumavam-se a tanta desigualdade.

A obra “Capitães de Areia” mostra claramente a posição das autoridades institucionais diante da marginalização, como mostra um dos fragmentos retirados do texto; “Pedro Bala, líder dos Capitães de Areia, foi capturado e levado para o reformatório. Agora davam-lhe de todos os lados, chibatadas, socos e pontapés” Os diretores daquele ‘inferno’, como era chamado, não tinham pena daquelas crianças, as castigavam cruelmente. Na obra, o reformatório é destrinchado severamente, sendo um lugar de castigos, punições, crueldades diversas por onde aqueles menores eram obrigados a passar. Lá eles eram duplamente castigados, pela sociedade num processo contínuo de marginalização e conseqüente exclusão de seus direitos como pessoas, e pelas instituições que, ao puni-los moral e fisicamente, o instituem como objeto de seu poder.

Com o tratamento desumano que lhes era dispensado e com o coração cheio de mágoas e revoltas, aqueles menores se sentiam discriminados, rejeitados por todos, o que aumentava seu ódio e desejo de vingança. Saíam daqueles lugares piores do que quando entravam. Se o desejo das autoridades era que o reformatório os reformasse, estavam enganados, pois os espaços de punição somente contribuiriam para o aumento de sua revolta contra tudo e contra todos, seu mal querer por pessoas e instituições.

Cada um daqueles meninos, cada qual do grupo dos Capitães de Areia, tinha seus defeitos e suas qualidades e eram assim que os dias deles passavam. A vida lhes impôs que cada qual seguisse o seu caminho desintegrando o grupo. “Sem pernas se mata antes de ser capturado pela polícia que odeia, Professor vai para o Rio de Janeiro

para se tornar um pintor de sucesso, Gato se torna um malandro de verdade e se muda para Ilhéus, Pirulito se torna frade, Volta Seca se torna um cangaceiro do grupo de Lampião e Pedro Bala abandona a liderança do grupo e se torna um líder revolucionário comunista.”

Apesar dos resquícios de romantismo que impregnam o desfecho da obra de Jorge Amado, pois a vida real é muito mais dura e implacável, temos que lembrar que a questão da visibilidade dos adolescentes que vivem na marginalidade está mudando. O quadro social vem se transformando e já temos grandes avanços com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e com o posicionamento de expressivas camadas sociais que se comprometem com os problemas da marginalidade. Mas muito há ainda a ser feito, afinal a desigualdade sentida pelas personagens da ficção, tão bem construídas por Jorge Amado, ainda é sentida pelas personagens da vida real e diante delas não podemos ser apenas expectadores.

Jorge Amado é um autor comprometido com questões sociais que nos saltam aos olhos pela sua importância. Em “Capitães de Areia”, empresta sua voz às crianças e adolescentes que precisam ter o seu grito ouvido. A denúncia do descaso com que os seres humanos são tratados mostra o quanto devemos avançar na leitura dessa realidade, tão próxima de nossos olhos e tão distante das nossas ações. Jorge, continua “amado” por todos aqueles que permanecem sem voz.



*Acadêmica do 4º semestre do Curso de Letras FCARP

** Professor de Teoria da Literatura e mestrando UFMT

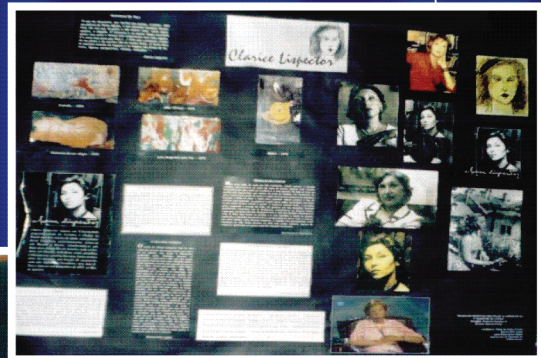
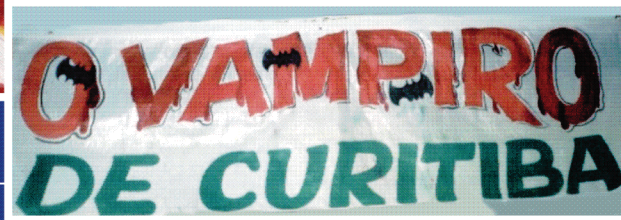


CONTISTAS DO BRASIL
4º Sem. Letras/2004

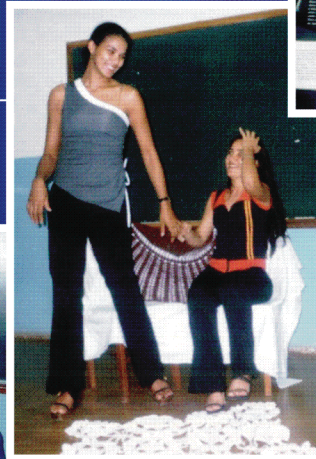


CLARICE LISPECTOR VIDA E OBRAS
6º Sem. Letras/2004

FESTIVAL DALTON TREVISAN
6º Sem. Letras/2004



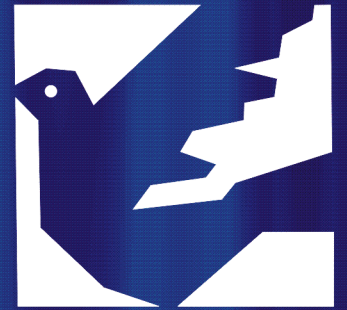
ADAPTAÇÃO DE CONTOS CONTEMPORÂNEOS
4º Sem. Letras/2004



PARTICIPAÇÃO NA SEMANA CÍVICA
Alunos da Fcarp



FCARP



ARAPUTANGA - MT



SALA DE INFORMÁTICA DO CURSO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO



SALA DE PROFESSORES E SALAS DE COORDENAÇÃO DOS CURSOS



SALA CLIMATIZADA DO CURSO DE DIREITO



LABORATÓRIO DE ANATOMIA E FISIOLOGIA DO MOVIMENTO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA



O PERDÃO

*Pe. Evandro Stefanello

Ao falarmos sobre este tema, uma pergunta nos vem à mente: Na sociedade em que vivemos (secularizada, materialista, competitiva, cientificista [positivista], ateuista...) onde colocamos o perdão? É possível ainda resgatarmos o sentido do perdão onde não mais existe? Ou será necessária uma nova evangelização?

Algumas pessoas pensam que ainda perdoam, porém seu perdão vem acompanhado de algumas condições, tais como: "eu te perdoo somente se você se desculpar", ou ainda "eu te perdoo, mas não esqueço". Será, de fato, que isto é perdão? Fica-nos esta dúvida? Aliás, toda certeza passa pela dúvida.

Veremos, então, o que é o perdão, ou o que podemos dizer do perdão.

O QUE É O PERDÃO?

Antes de ser uma dimensão religiosa coletiva, o perdão é uma decisão individual, subjetiva. É algo muito maior do que um simples querer. Devo perdoar mesmo não querendo, pois o perdão é mostrar misericórdia, é ser misericordioso. O perdão se tornará maior quando não tenho motivos para perdoar.

Perdoar é aceitar a pessoa como ela é. Aceitar e perdoar, às vezes, a sua ignorância, a sua falta de conhecimento, de entendimento, a sua demora... As relações tornam-se melhores quando aceitamos os outros como eles são realmente (isto não significa que, evangelicamente, não possamos contribuir para a conversão do outro).

Perdoar é aceitar a desculpa do outro; é esforçar-se em aceitar o esforço de reconciliação que as pessoas oferecem quando, estas, ferem profundamente ou superficialmente a mim.

O perdão é, também, uma forma de viver (e viver bem: consigo mesmo, com Deus, com o outro e com a natureza). É preciso estar sempre prontos para perdoar os outros e a nós mesmos. Porém, para que isto aconteça, é preciso tomar uma decisão: perdoar sem olhar a quem. No perdão não deverá haver distinção de pessoas (eu te perdoo porque você me ajuda financeiramente ou porque você é fulano de tal. Isto não é perdão).

O QUE NÃO É O PERDÃO?

Como já falamos acima, o perdão não é uma condicional, ou seja, não existe perdão verdadeiro quando colocamos condições para perdoar alguém.



Olhemos para a parábola do filho pródigo (mais novo) que pede a parte de sua herança: no momento em que este se encontra em profundo desespero, causado pela perda dos bens e da dignidade, vê-se obrigado a voltar para a casa do pai (única alternativa que lhe resta) ou morre. Antes, pensa consigo em negociar o perdão com o pai, oferecendo-se como empregado. Ao chegar o que acontece: o pai lhe mostra que ao perdão verdadeiro não se colocam condições, a tal ponto que o pai o perdoa e lhe restitui novamente a dignidade de filho.

É assim que age o nosso Pai que está no céu. Nos perdoa sem negociar, sem colocar condições (Jesus apenas nos lembra: "Vá e não peques mais"). O Pai nos aceita tal como somos e com isto nos dá a oportunidade de mudar (é justamente isto que o Pai pede que façamos uns aos outros).

Por fim, o perdão não é um sentimento. O perdão não passa pelo

campo do senti-lo ou não no coração. O perdão não pode acontecer apenas movido pelo afeto, pelo desejo de perdoar e sim, acontecer mesmo não querendo, pois ele passa pelo campo da razão e não do coração. Se colocarmos o perdão, apenas no coração, será difícil perdoarmos a todos (somente aos que nos convém).

QUEM PERDOAR?

Diante da pergunta do mestre da Lei ("Senhor, que devo fazer para conseguir a vida eterna?") Jesus responde com o mandamento do amor: "amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo" (Lc 10,25-27).

Desta forma podemos dizer que se deve perdoar de três maneiras:

a) Perdoar a Deus

É isso mesmo, perdoar a Deus. Muitas vezes nutrimos sentimentos contra Deus no momento da morte de alguém ou diante de um pedido não atendido ou de doenças que parecem terem sido enviadas por Deus. É preciso nos libertar destes ressentimentos perdoando a Deus para que não haja empecilhos para a cura do coração.

Isso de perdoar a Deus parece um paradoxo e algo extraordinário, mas é uma realidade. Existem pessoas que dirigem sentimentos equivocados para Deus. Quando feridas, culpam-No por suas desgraças e doenças.

b) Perdoar ao próximo

Perdoar as pessoas que nos ofendem (não é isto que rezamos no Pai Nosso?: "perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos aqueles que nos ofendem"). Na medida em que perdoamos é que seremos perdoados; na medida em que condenamos é que seremos condenados.

c) Perdoar a si mesmo

Como posso perdoar os outros se não sou capaz de me perdoar? Essa é uma das condições para se viver bem (se amar, amar e ser amado).

Por fim, o perdão é uma cura. A falta de perdão é a causa dos grandes males e guerras que assolam nosso planeta. Falta-nos amar mais, viver mais e perdoar mais. Eis a resposta aos problemas que introduziram este artigo.

ALIANÇA
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

ALIANÇA
MATERIAIS P/ CONSTRUÇÃO
A Chave do Progresso
tel: 261-1233

Tintas, Ferragens, Pisos, Louças Sanitárias,
Materiais Elétricos e Artigos Para Pesca.

Fone: (65) **261 - 1233** Fax: (65) **261 - 1973**

Valdir G. Nogueira
Socio - Proprietário

Rua Duque de Caxias, 15 - Centro - Araputanga - MT



BB SEGUROS para sua residência
» vida » veículo » residência » rural

Seguro Ouro Residencial

O Banco do Brasil tem uma opção de seguro para cada uma das suas necessidades. Com o Seguro Residencial a sua residência fica segura, e você fica tranquilo. Preserve o seu espaço preferido e os seus bens com as opções que só o Seguro Ouro Residencial tem para oferecer.



O tempo
todo com
VOCÊ

Auto Posto
Bola Sete

*Comércio Varejista
de Combustíveis*

(65) **261-1287**
Araputanga-MT

MÓVEIS **STYLLUS**

Fabricação Sob Encomenda e Móveis a Pronto Entrega

Tel: 261-1828

Av. Aldo Ribeiro Borges, s/nº - ARAPUTANGA - MT

AH **Américas**
HOTEL

Telma S. Souza

O melhor atendimento pelo menor preço

Rua José Bonifácio, 237 - Fone: (65) 261-2213
CEP: 78.260-000 - Araputanga - Mato Grosso

**1º SERVIÇO REGISTRAL DA COMARCA DE
ARAPUTANGA - MT**

Registro de Imóveis e Registro de Títulos e Documentos

Oficial: Gustavo Takaiti Chicuta

Fone: (65) 261-2260

*Horário: Das 8:00 às 11:00h e das 13:00 às 17:00h
Avenida Castelo Branco, 80 - Araputanga - Mato Grosso*



CCR Noroeste MT 15 Anos de Cooperação



MUNICÍPIOS:

ARAPUTANGA	NOVA LACERDA
COMODORO	PONTES E LACERDA
CONQUISTA D'OESTE	RESERVA DO CABAÇAL
FIGUEIRÓPOLIS D'OESTE	SALTO DO CÉU
JAURO	SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS
LAMBARI D'OESTE	VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

DEPÓSITO RIO VERDE



TUDO EM MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO
SERVIÇOS DE RETROESCAVADEIRA PC 150

Fone: (65) 261-1177 / 1911

Cel.: 9989-5027 (Valdir)

Av. Castelo Branco, 755 - Centro - Araputanga - Mato Grosso